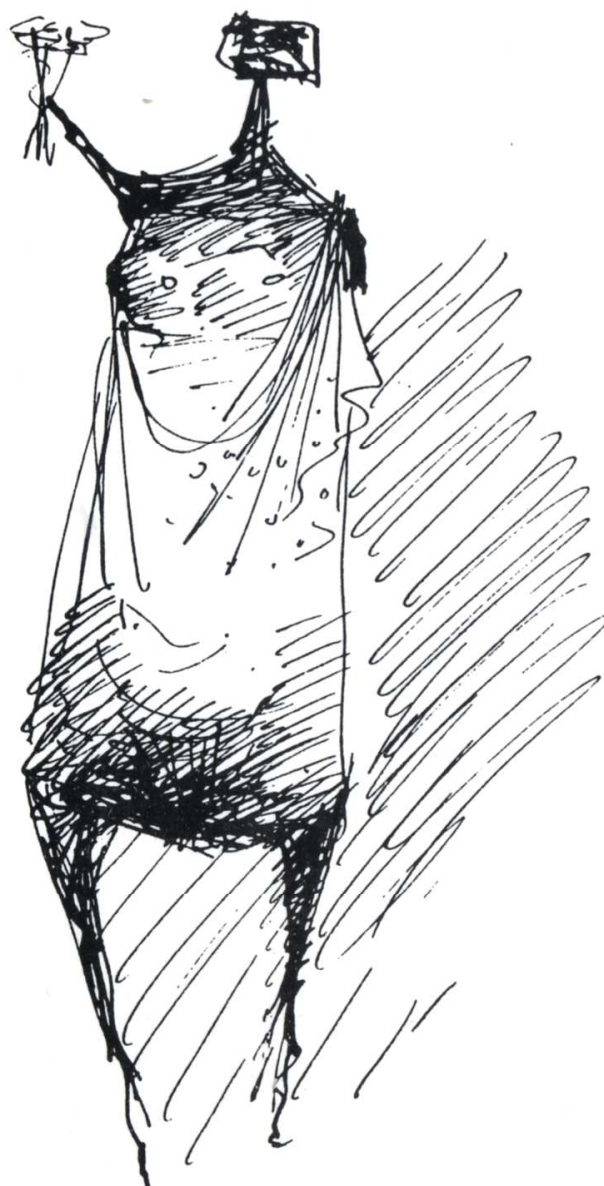


Paulo Roberto do Carmo

TRAJETÓRIA POÉTICA



Movimento

INSTITUTO
ESTADUAL
DO LIVRO

TRAJETÓRIA POÉTICA

ALCEU COLLARES
Governador do Estado

MILA CAUDURO
Secretária de Estado da Cultura

PAULO FLÁVIO LEDUR
Diretor do Instituto Estadual do Livro

1994
INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO
Rua Riveira, 104
9067016- - Porto Alegre - RS
Fones (051) 332.3603 e 331.1582

EDITORA MOVIMENTO
Rua Banco Inglês, 235
Morro Santa Teresa
CEP 90840-600 - Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (051) 233.7645

Paulo Roberto do Carmo

TRAJETÓRIA
POÉTICA



Porto Alegre
1994

Coordenação editorial
Nóia Kern

Projeto Editorial
Adriana Condessa Ferreira
Nóia Kern

Revisão
Adriana Condessa Ferreira

Ilustração da Capa
Xico Stockinger – de *Crisbal, o guerreiro*

© Paulo Roberto do Carmo, 1994

ISBN 85-7063-150-2

C287t

Carmo, Paulo Roberto do.

Trajetória Poética / Paulo Roberto do Carmo —

Porto Alegre : Movimento : IEL, 1994.

128 p.

1. Literatura brasileira : Poesia 2. Literatura sul-rio-grandense :

Poesia I. Título.

CDU 869.0(81)-1

869.0(816.5)-1

PAULO ROBERTO DO CARMO E SEU MANUAL DE SUBLEVAÇÃO

Hegel via a poesia como uma total permissão do mundo. E não “está pronto”, mas por fazer. E se está fazendo.

A poesia do gaúcho Paulo Roberto do Carmo tem essas características épicas, dentro da modernidade com que transita a consciência. Não foi em vão que Léa Masina constatou a fusão de violência, voz coletiva e erotismo na criação carmiana. Mas a violência – observamos – está no mundo, que a palavra chancela, desavinda.

Os núcleos com que se mune, na *Estação de Força* (1987), se constelam em rebeldia, motim, cavilação, conjuras, privação, forjadura viseira, sublevação, batalha. Seus vocábulos são ferrenhos, com o fio da espada desembainhada. Livro de verbos em rotação, todo o texto rumo para a luta sem quartel em lugar nenhum. Ou em todos.

A parte mais alta é o próprio *Manual de Sublevação*, com provérbios, grafitos, cantares. E se verifica a tendência inata do poeta ao epigrama, ao dístico. “Se nada tens a dizer, / conversa com a morte”.¹

Essa vocação sentencial de Paulo Roberto, “monge insone, embandalando címbalos”,¹ vem de sua paixão diante do irrevelado. E de uma outra: a de organizar a história.

“Sentir primeiro, pensar depois.
Perdoar primeiro, julgar depois.

Amar primeiro, educar depois.
Esquecer primeiro, aprender depois.
(...)
Navegar primeiro, aportar depois.
Viver primeiro, morrer depois.”¹

A poesia de Paulo Roberto do Carmo, em *Breviário da Insolência*, perdeu os adornos, para se tornar mais intensa; despojou-se para achar a medida de exatidão e deserto. Adentrou-se para adensar-se. Ficou substantiva para endurecer o pensamento na luz. E a luz na palavra sonhando. As coisas só podem ser ditas, como o foram pelo poeta, até o cerne.

De *Crisbal, o Guerreiro* (1966) para a *Estação de Força* (1987), foi um processo de maturação e quietude. Vinte anos de silêncio os intermedeiam. Editado pela Massao-Ohno, é a simplicidade da pedra polida na funda de Davi, até o alvo.

Como Davi, o poeta não mais se ajusta à armadura e ao escudo. Joga-os fora. São demasiadamente pesados. Não se acoplam mais. Basta-lhe o cajado de peregrino e a funda esticada. Na perícia.

O que mais é necessário para a alteza da poesia, senão o lance no espaço?

Tudo se engatilha, até a dor. Tudo se armazena, até o sonho. O raio atravessa a palavra e esta, a inteligência das coisas.

Qual a técnica do vôo? É o vôo. A agudeza do arremesso. E a concretude é tanta, que explode o verso com as imagens.

A metáfora se torna sua sombra. A coisa é a coisa. O animal não se apropria de outra densidade, senão a própria. E o pensamento é o ataque límpido.

A dimensão entre as palavras.

O homem reinventa o reino, o ovo a serpente. “A vida irriga-se de sol / entra na alma e confia.”²

“A paixão cresce e se esfarela.”²

Ou “começa a culpa a perder o rabo e uiva / Começa agora a fazer o que deves. Agora.”²

E este achado belíssimo:

“O mesmo que viver
é ir voando”²

Porque é fraterno, recolhe o grão, e “tem um cheiro de libido orvalhada”.² Humano, pretende as verdades vivas. Não as mortas nos compêndios. Com o “pousar um no outro a dor”.²

Humilde, percebe que “nada importa / ainda que tudo venha a arder / e eu tenha que pedir perdão / de porta em porta;”²

O social, nesta antologia, se alia, eloqüente e agudo, ao mais primitivo, à fome. E se a poesia atinge ao político, não é para propaganda ou ideologia, mas para ver. César Vallejo, poeta peruano, e dos maiores deste continente, em *Literatura y Arte* refere não ser esta um meio de propaganda política, “mas a mola suprema da criação política, já que os artistas criam os profundos grandes aquedutos políticos”.

“Fome” é o poema chave, em tom de litania, associando-se, subterraneamente, pelo ritmo, ao Álvaro de Campos (de Pessoa), no *Excerto de Odes*, “Vem, Noite, antiqüíssima e idêntica / Noite Rainha nascida destronada, / Noite igual por dentro ao silêncio, Noite...” Mas há um jogo paródico e o atirar de dados imagético, a fricção de vocábulos, o renovar-se, em fole, fôlego, dentro da reiteração.

(...) “no golpear dos punhais, até o cabo / no calar da agonia, dai-me sede / o doer animal a ferida aberta” (...) “e me cega a noite / sem que eu te chame fera e coice / sombra mendiga de mim, fome” (...) “não há mais tempo para me salvar nem / matar-me de faca e tiro eu ousaria”² (...)

Algo de irônico e grotesco (Swift e Rabelais). Até chegar, ao final, de vigor e astúcia. O golpe firme, dramático, inesperado. Este verso antológico:

“A vida é alguém, alguém, e não sabe calar!”²

Paulo Roberto do Carmo suscita, dialogicamente, como pretendia Bakhtin, a imaginação do leitor. Bate, desperta.

E tem a capacidade verbal de “isolar e chamar atenção para o que já temos em nosso poder” (R. P. Blacman). O que vislumbramos, antes. Na memória.

Criar é desarmar, armando. E alvejar, sem o rumor do acaso. Disparar o poema.

O verso, aliás, não deixa de ser verso – antes ou depois, a dois dedos da página ou quatro, dos ouvidos. O verso vai nas pernas da história.

(...) “deitar-se / menino e ser eterno?”²

(...) Adeus, / palavra das palavras! / Que tudo pára no escuro.”²

Eis a força, a fúria do que resiste. Pois não há separação diante da poesia. E sobretudo esta – obstinada, crítica, consignadora, vergada de trabalhos, esperançosa, livre. E que nos reconcilia com o tempo.

Carlos Nejar

1. *Estação de Força*. Editora Movimento e Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre, RS, 1986.

2. *Breviário da Insolência*. Editora Massao-Ohno, São Paulo, SP, 1990.

SUMÁRIO

CRISBAL, O GUERREIRO	13
ESTAÇÃO DE FORÇA	31
BREVIÁRIO DA INSOLÊNCIA	73
LIVRO DE PRECEITOS	87
POEMAS INÉDITOS	107

*Para
Guilhermino Cesar*

CRISBAL, O GUERREIRO
(1966)
reescrito

1

Com o rondar dos crepúsculos
Crisbal cavava
um templo no futuro
e tecia
de fúria e gozo
uma esperança
uma obra viva
um prodígio engendrado
meio-mulher, meio-deserto
delírio azul, carvão sagrado
tempestade de lava
memória de dor
sinfonia de asas batendo
e palmeiras descerradas.

2

Obra bastarda
suas mãos moldavam orlas
na brasa das almas
e ela refulgia viva e reta
a madrugada beirava
os ócios fruídos
e a coisa subia
de sob fileiras de molas
em qualquer pátria
do fundo das camas
e muitas eram as armas
de coice calado
nos bosques do cérebro
no veludo dos olhos.

3

A guerra ia corvejando
diante dela
na imensidão branca
com suas línguas de hibisco
mais perto do homem
no assalto à terra
onde o operário esperava
há séculos
como um réptil de fome
o herdeiro togado
a vergonha nas cancelas
sob os cascos
do direito adquirido
agrilhado nos pelourinhos
das casas de engenho.

4

Coisa terrível
é um homem ungido pela insurreição
coisa terrível
é o homem a urrar
enquanto conjura
qual infinito a gemer
no quartzo do astrolábio
assim Crisbal
ferido de sangue e privação
andejava e estremecia
feito pavão bêbedo
já não discernia o tempo
outrora do tempo presente
o rouxinol morto
o brinquedo perdido
Crisbal só resplandecia
resplandecia
e urdia uma labareda
o bom guerreiro.

5

Buscava a forma
de amearhar
as raízes da vida
imolar as culpas
com o peito aberto
a navalha da palavra
alongada em braço e gesto
a esperança
transbordada do sangue
como quem engole em seco
o escárnio
da aldeia ultrajada
e limpa a boca
no sudário bordado
com espinhos da penúria.

6

Crisbal espera
e lampeja
com suas lanternas
de círios e óleos
enquanto seu cão albino
devora os restos
de pequenos e grandes mendigos
Crisbal expulsa os germes
da culpa e lava as mãos
em águas de dor e sedição
de lírios e orgulho.

7

Quando todos os gatos
são pardos
e todos os homens são mortos
em procissão de sábios e leis
ele ama
como um homem ama:
a própria loucura
e enquanto nos perguntava
sobre querubins e leões
alquimistas e ordálios
e casas de pedra lavrada
ia entoando algaravias
entre mendigos e mágicos
levitando sobre algas
e lágrimas.

8

Estas costelas magras
suportam a dor sem corpo
não renegada ao amor
e dançam entretecidas
esbraseadas pelo desejo
meus amigos
contando dinheiros
nos corações de bronze
batem-me à porta
e balbuciam em coro
“é outro Sísifo louco”.

9

Inauguro-me a cada dia
como se nascesse amanhã
a vida passada
presente e futura
descascada em gomos de romã
recolho-me
e meu silêncio orvalhado
é um naufrago
que esqueceu a palavra
e soçobrou
animal quieto e mineral
agarrando-se à vida, em espreita
como tábua da salvação.
A esperança acenando flâmulas
à solidão.

10

Onde o amor
com ventosas no coração
urbe ruidosa
povoando a solidão?

Quem se eu violasse
as mordanças da Justiça
em suas alcovas de penas e códigos
se precipitaria comigo
cheio de furor
e mão guerreira?

11

Por quem então
verter poesia em sangue
se todos ordenham o leite
de uma vaca morta?

Escuta
e eu falarei à tua loucura sem fim
o bagaço nas moendas
dançando nos canaviais
a brandir o sabre da palavra
contra ti e para ti.

12

Acaso não sabemos
que os olhos da esperança
nos fitam nas trevas
para o século que vem chegando
entre malárias e piratas
com seus estandartes
de cobiça e cal?

E que essa noite infantil
gera o Anjo suportando?

13

Agora desperta
eis que lateja a guerra
e o amor na terra
a sangrar no meio dela
e uma espada de gume longo
na claridade
a queimar os bens-de-raiz
as economias, os valores caducos
em nova sementeira
orgasmo de outros sonhos.

14

Mas sob o escuro
amanhece uma saudade
como um bicho tremendo
eco de cântaros vazios
argila gemendo
e das conjuras abortadas
eis a mão, a mão
da estranha mulher
acenando dos trigais
e nos abandonando
antes do orgasmo estrelado
entre a flor do cardo e o nada.

15

Agora sabemos que o medo
é a delação dos submissos
murmúrio de prece
orgulho sem dor
onde a aranha tece
de suas vísceras a hora
de o sonho erguer o vôo
a febre que se desprende
a vida, a fome dentro dela
e a manhã na janela.

16

Deixa pois sigilosamente
o amor
penetrar ermidas proibidas
bosques sagrados
árvores dormidas
e que a vida se alforrie
de tantas fomes, de tantas mortes
e se reconcilie com as vinhas
da palavra na sinfonia dos ventos
nas falas enfunadas do peito
e se desfralde no incontido desejo.

17

Sempre há de regressar ao Sol
o amor –
ou tanger andarilhos desejos
o amor –
respirar a alma da chuva
o amor -
ou cristalizar a lágrima no ar
o amor –
porque a terra cedo ou tarde
nos arroja ubiquamente
ao ventre prodigioso das raízes.

Lavradores de origens
retornamos
ao ferro e ao fogo
à água e ao sal
e rolamos as pedras do caminho.

Subitamente
convocamos uma verdade
roubada à infância
ainda sobrevivente
como um bicho ensimesmado
e enchemos o peito
de algas e sacrifícios
memória e sortilégios.

Talvez essa mão solene
leve um apelo ao teu coração
e teu coração se deixe cair
e rolar para um Destino qualquer
e que teu Destino seja um ministério
que faça saltar pontes
eternamente cruzadas por um exército
delirante de anjos e palavras.
E que o teu Destino
seja um animal de instintos
a cantar em conjuras a curta vida
e tanta dor nas pousadas
aves de arribação que chegam
na ventania de qualquer ravina
ao abrigo do coração.

Como um homem que perdeu a sombra
tu és agônica saudade
da Casa do Pai
e teu desejo incontido
só olhos e vespas
desnuda a alma do corpo
e o que mais buscas violar
é o que te salva
com a mesma fome do cão cego
a roer ossos e remorso.

22

E teu sexo
tocado pela poesia
o sol nas asas do Anjo
cada vez mais ferido
mais ordenha
as bezerras de ouro
o ordálio das culpas
a sombra perdida
a esperança prostituída.

23

Essa é a tua guerra
de penúria e privação
ungida por um deus
a reinar sem vassalos
ser mais que o mito
a sombra, a esperança.

Quando o Destino
convocar o teu coração
na dissensão dos tempos
que o teu coração se amotine
levante o povo na aldeia
e que tua espada seja guiada

por luminosa palavra
não consentida pela confraria reinante.

24

Assim a solidão do homem mergulha
amadurecida
e fere o ventre com a palavra que gera o sol
e fecunda a vida.

Já divisamos o assombro em marcha
para o teu despertar
e subitamente não reencontras
as cores, os ruídos
as formas de antigamente.

E o teu próprio nome
é outro nome de outro corpo
de outro homem
pois outra é a linguagem.
Admiras então o derradeiro gesto da noite
e antecipas o êxtase da viagem.

25

Canto imenso a ressurreição
sob o silêncio dos pressentimentos
canto firme o operário do homem
os Anjos em confraria cavam oficinas
eis que tudo falta ao mundo
um Destino que talhasse
o torso vivo da Palavra
porém a guerra deixa de mais belo o sol
e a Morte, de boca escancarada
que busca e não encontra.

Pressinto vou ficando cada vez mais forte
mundíssimo e provindouro
como um fugitivo diante dos deuses.

O povo celebra o dia
ressuscita o Ser
que se anima
Cristal esbraseado
no ventre da linguagem
como coisa que se anela
e salta de si
ora se eleva, úmida raiz
e cresce, fruto extinto
do tempo terrível
em que um Anjo madrugador
velava o sono das palavras
que eu falo com a voz de todos
e todos falam por mim
escudo da mesma forja
espinho da mesma rosa.

27

Eu canto o compromisso do Mundo
dissolvo tanta voz mal-afogada
e desperto o Anjo
o de potros na quilha do verbo
prestes a navegar
o de carranca rude
no mar da fatalidade.

O sem medo
o sem passado
o que vive na família das feras
o que faz das ervas floresta
o sem ócio
o que espanta as trevas.

Que eu tome do bordão
espanque montanhas sonolentas

enrespe o mar e recrie o amor
que o êxtase conduz.

28

Então Crisbal gesticulou no caos
os olhos luminárias
e estremeceu indignado.
Que ser terrível segregaria
a seiva pura
nascida de madrugada enlanguescida
no amor entressonhado?
E amaldiçoou as nossas vidas
lançadas como dados
para o banquete dos poderosos
que não ousam delatar
o nosso Destino encerrado
como se ignorássemos mais do que eles
o segredo de mudar a Vida,
nós, os eleitos,
que fundamos a sombra
e nos iluminamos ao contato do orvalho
imemorial e masculino
que fecunda o Belo e sua transgressão
nos arcanos da flor matutina.
Que outra força de amor
enfurece a lava
o levante de seu primitivo leito
ao chamamento à Vida?

Toda a origem é o caos
eu, criador de claridades
descerro o planisfério e levo
com meus punhos duros
os corcéis da palavra.

Procuro, ó morto, a linguagem da medusa
que fala com pedras de febre
a sinfonia das árvores
a alegria soprando dos lábios do vento.

E qual navegador solitário
dissolvo o silêncio
e planto meu destino
em pântanos cotidianos.

Que o meu coração
cavando ao pé de Grande Mistério
em meio a tanta máscara dormida
e tanto pranto e tanto grito
vislumbre a criatura nua na terra
ali, sob os lençóis
ordenhando o seu próprio Destino.

É o momento mais esperado a Revolução
cheia de batimentos
como um longo início previsível
pouco a pouco tornando milagre
o amor revoando as patas noturnamente
e como tudo fora gonzos
e peitos amordaçados
agora rugisse e brincasse
um bruxoleio de homem-fantástico
a ressurgir.

E como abandonara os sons
a dor das primeiras origens
alçando vôo na asa de estranhos sentimentos
visse nova realidade
talhando os contornos da Amada
e a nascente dos seios a florando
da foz de águas amargas
a tão pura revelação que ninguém
poderia conter que não fosse o mesmo
e espantoso passado.



ESTAÇÃO DE FORÇA
(1987)

*Unless a serpent devours a serpent
it will not become a dragon.*

Latin Proverb

*Busca a tu complementario,
que marcha siempre contigo,
y suele ser tu contrario.*

*Con El tú de mi canción
no te aludo, compañero;
esse tú soy yo.*

Antonio Machado

ESTAÇÃO DE FORÇA

1

Eu não vim trazer a paz
mas a espada
a espada de ponta acerada
a espada de quilhas ácidas
plantada
nos gorgomilos do teu destino
como a carne
que sangra pelo bordão
urna e catacumba
engenho e suor
à força de gumes
e ópios.

2

Roçando a madrugada
eu via
do oco da criatura
expia
um Anjo de sexo alteado
e asas expectantes
e patas conscritas
num ritual de lingotes
como quem extrai
de jazidas cotidianas
o ser da palavra.

3

Se invento o que canto
eu me salvo de quem não sou
ou poderia ter sido
(claro pudor)
pela vida geral inaugurada
e assanho a mão armada
estação de força
em harmonia de contrários
como a sarça de Moisés
que ardia e não se consumia
luminosa sombra que acaricio
até o fundo sob os vestidos
nas almas desta caverna onde
um clavicórdio em acalanto
erica a penugem dos musgos.

4

Mas é perigoso o ser quando
às vezes rodopiamos em torno
ao eixo da vida
com um ombro fantasma
e um grande olho esbraseado
a pastorear sonhos de ofício.

Inda mais perigoso o não-ser
quando vai sem fim
a labareda fugindo
de cotidianas falências
negociadas a preço vil
no mercado dos tempos.

5

Alma de cântaro ressoa
teu coração de acrílico
exposto nas vitrinas do destino
e geme nas alamedas
em qualquer parte
um tropel surdo
de alimárias de cristal
a cavalgar além
das aparências
o transparente
de outras aparências

6

Estação de força
nós os predicantes
nos prostramos sob as botas
sob as máquinas desejantes
de parir a dor do homem
a dor do sangue
a dor da culpa
a dor dos deuses perdidos
na memória das chuvas.

Queria gritar
como um gigante tresnoitado
de alma dada à vida
e mosquetes em punho
mas sou só um ser
com muitos ouvidos
para ouvir
e uma só boca
para engolir o grito
o grito engasgado
o grito lapidado
de engrenagens dentadas
o grito de entranhas
desacolchoadas
se esparramando pelo esgoto
pelos coturnos
do esbirro da lei.

E eu quedo retouçando
escoucinhando
relvas e desditas
de mulher e terra
de quebranto e treva
de verdades mentidas
como quem tarda e cala
no portal do desejo
entre o jejum e a vigília
o chamamento e a falácia
o fazer e o pascer
e o morrer até quando
meu deus-anjo-do-sol
das almas ressecas
até quando?

SÃO FRANCISCO

1

Vai, irmão, enfermo de dor
com tuas sandálias de lua
pelo calvário da rua
rumo a morada do Senhor

Vai, irmão, enfermo de justiça
com tua insônia em guarda
pelotão de narcisos na liça
em desagravo ao povo na praça

2

Vai, irmão, enfermo de amor
com tuas sandálias de ócio
toma um pifão de sol
expia tuas culpas
e canta como quem traz
o coração afogueado na cara
de ancoras içadas
e anda de través
como quem emprenha o tempo
amealhando a voz e a causa
coagulados na garganta
desta infrutuosa lida.

3

Te conjuro, irmão-pientíssimo
enfermo de ócio
a plantar um motim
de fogo, água e azeite
de mel, vinho e leite
de sal, trigo e estopim.

Como água estagnada
o tempo envenena a esperança
de quem tarda e cala.

Como coração laçado
o destino dobra a alma
de quem espera de mão alheia.

4

Vai irmão, enfermo de lava
toma um pifão de vida
e canta como quem traz
o coração pêndulo na cara
a prece não semeia nem colhe
da prece nasce a febre
o aguilhão em brasa
e dança sete voltas
e tece sete vidas
irmão em mim.

SALMO I

Senhor, faz de mim
o Anjo humilhado e covo
que perdeu as asas
no rodopio do vento
e espatifou a cara
e a esperança.

Senhor, faz de mim
um pastor de névoas
e paixões no cio
o peito lacerado nos urzedos.

Senhor,
quando alguém se aproxima
em mim me enleio
quase ermo, quase erva
quase lesma.

Cultivo a vida
medida em palmos
e tragos de sonho.

Sob as lamparinas
os musgos cintilam
as ninfas valsam
os lírios se perfilam
e eu, Senhor, roendo as unhas
espio o desejo
que pousa em bandos
na carniça da vida
que o tempo mastigou
e um deus mais iracundo
vomitou.

Senhor, faz de mim um besouro
bulindo as mamas da noite
e de visgos se embriagando
sob o orgasmo estelar.

Faz de mim um argueiro
no bugalho do olho do boi
quase ermo, quase erva
quase lesma.

Senhor, faz de mim
um cisco ao sol.

ÍTACA

a Donaldo Schüler

Velando Ícaro morto
nos mesmos círios
que derreteram suas asas
um deus nos condena
a vaguar no exílio
como dois pomos de discórdia
entre o desejo e a posse
e nos priva em qualquer porto
ancorar
naus de orgulho e privação
o destino sempre enviesa a proa
e aponta o leme rumo à terra
que logo submerge
fugidia à nossa chegada.

É Tirésias bêbado que assopra
no oco da medula
o retorno a Ítaca
a origem da solidão
a esperança apenas antevista
jamais possuída.

ÓCIOS FALANTES

A tanger carneiros inventados
Vamos, pastores do engano
singrar águas de sonho
num embalo de ócios falantes
vamos, como quem plange
enquanto urde um deus
e dança com vestes
talares um cotidiano
como quem parte e ouve
herdados gritos na memória
telas dalguma fala
que incita ou ladra
como se a cada hora
das entranhas brotasse
uma roda de rumos
e ritos na lonjura
anjo ou argonauta
tumba ou manjedoura?
passado que agora late
em máquina expiado
ou coisa que fecunda
a terra provindoura?
embora tarde eu lanço
morto canto foragido
um som coleante de fagote.

INICIAÇÃO

1

Ah crava, instigação
no ombro duma paixão qualquer,
um desafio
a seta da liberdade
e fere o que resta
da vida subjugada.

2

Itinerário
de sombras expatriadas
pernoitamos no leito da esperança
como duendes de pálpebras
espetados no amanhã.

Animais boquiabertos
andarilhos do medo
de mandíbulas ressequidas
nos salivamos à vista
de qualquer aldeia
entressenhada .

3

Já quase ouvimos
pregustando um silêncio blasfemo
o tropel dalgum eu
de crinas e cascos
alígero pelo mundo
inflamando a fome desejada
a que mergulha
nos infernos cotidianos
e logo emerge
súbita iluminação
sobraçando o verbo
que nos incita
a abandonar o lar
a alcova, o curral das ruas
a dizer o inaudito
a não sacrificar aos deuses
(a crença que um dia seremos)
a habituar ao raro etc.

4

Nunca nos iludimos
o iniciado se consola
e desdenhado
sempre se tortura
alguma ambição à-toa
de presidir os mortos
é como Lázaro retorna
do reino brumoso
meio torso fincado na relva
meio osso brotando da terra
e sabendo-se burlado
morre a segunda morte
ainda revisitado
pela solidão de outrora.

5

Quando apenas começamos
já anoitece em nós
uma fadiga de plenitude
um odor de infância
aflora de bilhas bolorentas
guardadas no solar
de telhas de ardósia
e janelas galácticas.

6

Espectro escuríssimo
o iniciado age
viveiro de seres elementares
funda âncora sob a refrega.

Herdeiros
da divindade extinta
amadurecemos
como pedra de febre.

7

É a paixão imprevista
de barbas longas
a cavar em vão
a casa do homem
fruto lacerado
pelas vespas da memória
desde o tempo
em que o silêncio nutria
um desafio aos deuses
e inaugurava a dor fruída
de muitos braços e remos
para a dominação da terra.

Do pólen do ser
brotam destinos de areia
anunciação do tempo
em que o iniciado é passado
de olhos postos no futuro
ungido pelo presenciado.

Sob o fardo do destino
imolados por um deus injusto
percorremos a esmo
uma terra alheia
em andadura de amor
com a morte sazouando
em nossas entranhas.

Resistimos
pelas brenhas do irrealizado
numa oferenda de socos
indício da vida que há de chegar
ferindo o destino
sem lei nas sombras
Agnus Dei.

TERRATHÁNATOS

1

Numa incerta noite mineral
eu baixei à terra
enquanto ia
animado de garras e agouros
eu via
meu destino expiar a culpa
numa dança de paixões
ainda implumes
por tanta vida prevaricada
por tanto desejo relinchado
no veludo dos ventos
e de minhas libidos em flor
eu via
o orgulho caído na tarde
sob os tambores
as vidas caladas
que morriam em mim.

2

Eu via a terra que gemia
pesada de sono
ave de volúpia e agonia
no meneio das virilhas
eu via o anjo-parteiro
do poema que nascia
bêbedo no estrume
entre dentes e espigas
já mordendo o dia
pelo grito que acorda
da morte para a vida.

Eu via a paixão ruminar

o medo já moribundo
nos vergões da carne
eu via a esperança
entrar no sangue
animal de cincerros
no curral das palavras
anunciando a manhã
clara de papoulas
eu via o poeta
arando a solidão.

3

Anjos de asas mutiladas
e batalhas não consentidas
pela confraria reinante
o poeta se excita a cada manhã
da intimidade com a vida
e as palavras se perfilam
indignadas
à vista de outras vidas
prisioneiras
na forjadura do amor
em sublevada alquimia
o poeta reinventa a esperança
entre o caos e a foice.

DE AMAR

De amar,
contigo me desavim.

Por viver,
comigo me desavenho.

Em penar,
de penas me desalento.

Ao cantar,
de mim me desgarrei.

Por conspirar,
do mundo me desagravo.

Ao crer,
de crenças me desalmei.

Em sonhar,
de mim me desabito.

Por esperar,
de esperança me desgracei.

Ao fugir,
de mim me deserdei.

De amar,
contigo me desavim.

Por viver,
comigo me desavenho.

Sentir primeiro, pensar depois.

Perdoar primeiro, julgar depois.

Amar primeiro, educar depois.

Esquecer primeiro, aprender depois.

Libertar primeiro, ensinar depois.

Alimentar primeiro, cantar depois.

Possuir primeiro, contemplar depois.

Agir primeiro, rezar depois.

Navegar primeiro, aportar depois.

Viver primeiro, morrer depois.

*

Serei como amanheci,
viverei antes de entardecer
e à noite, recostado
em teu ombro, ó Poesia,
escutarei meu coração
até que um deus mais forte
me envolva em febre
e me convença a partir
desta vida para todavia —
como é preciso.

O poema

arte de despertar o touro que bufa
na ferida exposta do coração.

O poema

abre as gavetas da infância
e reacende os círios guardados na memória.

O poema

sêmen a fecundar
o bagaço da vida nas moendas da esperança
erva que cura a lepra das horas.

O poema

quebra o cristal
entre o sonhado e o vivido
e a máscara que poderia ter sido
prece a se fazer carne
fugindo de si pelos pés, pela boca
pelo ombro do coração
de mãos dadas com o desejo
como se do nicho das papoulas
brotassem espigas no ventre da alma.

*

A morte bebe as horas da vida
com maior saciedade
quando paramos
para lambar nossas feridas.

Peço passagem
nas alfândegas da República.

Quase nada a declarar:
Religião,
umas crenças em alma do outro mundo.
Política,
que o homem é dono de seu nariz.
Filosofia,
umas manias epicuristas,
outras sofistas.

Peço passagem
nas alfândegas da República.
Quase nada a declarar:
meia paixão clandestina,
reputação cochichada,
alguma esperança cansada,
7 resmas de poemas malsinados,
um rocim manco
e um poeta tresnoitado.

Peço passagem
nas alfândegas da República.
Passaporte eu não tenho
que as fronteiras viajam comigo.

*

Dize-me o que crias
e te direi que depois do Absurdo
encontrarás o Paraíso,
mas então será muito tarde.

Na mesma esperança

evisceramos o sonho

e de suas postas nos alimentamos:
reamanhecidos, ousamos de novo.

No mesmo desejo
retesamos as cordas do amor
e nos perdemos entre crinas e regaços:
lacerados, permanecemos
apalpando a nossa dor.

À mesma ilha
chegamos sem ancorar
e nos abandonamos
cortejando a esperança
enforcada nos mastros
e nos povoamos de anjos gravitados
enterrando a solidão
sob sete côvados de medo
e um palmo de covardia.

Ao anoitecer afundamos a nau
e lavamos o coração.

Na mesma vida, na mesma lida
somos e não somos
pescadores de vento
o que recolhemos na rede
suportamos e não suportamos.

Sentir e criar

é queimar cativeiros.
E uma vez liberto
o anjo mais ousado
que se abismou no teu peito
apossa-te do fogo imemorial
como direito adquirido
por tanta esperança sazoadada
por tanto desejo espezinhadado
por tanta dor suportada.

*

A Verdade
fruto proibido
deve ser colhido
mesmo que nos expulsem do Paraíso.

*

Meu silêncio é um poema imenso
claro tormento sob a viseira
cumpro meu terror.
Monge insone vou
e embalo címbalos
numa noite de homens surdos.

Se a poesia não existisse
~~um louco a inventaria~~

porque é pelo absurdo
que o poeta se faz humano
o trovão, mito
o mito, canto
e o canto se faz gesto
a mudar a vida
a mover o homem
como um cinzel ferindo
o tempo ou um fogo
de esperança e agonia
arremessado ao futuro.

*

No enterro do poeta
seus poemas encantados
em duendes redivivos
pousaram nos ombros
dos amigos que conduziam o caixão
e entoaram doce cantochão
saturando de conjuras
a tarde cinza que se dissolvia
em lágrimas vidalescentes.

Quando eu não mais estiver

consumado o sonho

sob um pêndulo silente

que se congela no ar

e exalar sândalo

pela boca de um vaso de sombra

quando eu não mais existir

traspassado por um sono

apetecido de dor

e arfar à espreita do gesto

que não mais se ergue

quando eu não mais estiver

restará ao menos uma canção indignada

fruto legado do orgulho que me perdeu

para dizer, antes que eu murche dentro da noite,

a morte nunca será maior que o meu desejo

quando eu não mais existir.

*

Ainda que dissimules

fingindo que estás dormindo

não imagines que a vida te exilou

mas sim tu que a exilaste

pois o que é nunca deixa de ser

e sempre renasce entre sal e cinza

a mesma esperança insepulta

ainda que humilhada.

Lembra-te sempre
de conservar a medida
nos tempos de crise
e de acender o estopim
da desmedida
nos tempos de paz.

*

Se não persuades teu amigo
a varrer as teias da morte
corvejando sobre seu coração,
trata de sobressaltá-lo
martelando os sinos da sublevação
de sua desesperança.

*

Partir
na hora medida e fria,
de missão cumprida
e alma incendiada
na chaminé do tempo —
depois renascer,
na margem clandestina da Vida,
como a palmeira,
das próprias cinzas.

Na terra que arava
eu sepultava o sonho.

No poema que esculpia
eu expulsava a culpa.
No vinho que bebia
eu embriagava o destino.
Na vida que escorria
eu desdenhava o tempo.

Sem princípio nem fim
eu caía no oco do mundo.

Hoje não planto, não colho
não semeio expiação:
desespero em vão!

*

Fora do poema
não há vida;
se há vida,
é a vida de sonhá-lo
como se rima
a vida fosse:
beleza e tremor
em corpos incendiados.

O poema

nasce da indignação
ordenha o leite da hiena
saliva a cólera do cão
e é esbofeteado
pela esperança dos homens.

*

Há vida
no velório do amigo morto:
seu derradeiro hausto
enfunou as velas
de tua nau sobrevivente.

*

A verdade
umedece de lágrima
o rubor da maçã
e fere de lâmina
a seda da alma,
vertendo sangue
sobre a relva.

*

Se amanheceres em mim
eu entardecerei em ti — e se chover
saudaremos com vinho e malícia
a ilha que à noite povoaremos.

As bocas amordaçadas
não estão caladas.

A consciência
não esta domada.
Os ventres famintos
ainda estão fecundos.
A esperança ferida
sangra no teu coração.
A revolução que há de vir
cristalizada no ar
já não tem ouvidos
apenas garras
e armas azeitadas
de baionetas ensarilhadas
no peito aberto em dor.

*

Urge dizer, à tanta perda:
o que morre em ti
é a vida redescoberta
ei-la que andeja
a vida, a cada dia
pelos flancos do teu demônio
mantendo em ti
a confiança inteira
de quem
fustigado pela fome
reinventa, mais terrível
a vida.

O GNOMO

Amanhecido em penúria
eu fabriquei um gnomo
de insônias redimidas
e animei-o.

Guerreiro de aljavas
sementeiras
e arcos retesados
mirou ao acaso
e num sibilo feriu
as ilhargas do inimigo.

O meu gnomo
foi um desejo tardio
no leito da esperança
de violar a linguagem
em vogais de tule
e consoantes ventanias.

*

Ao poente celebramos
ritos de iniciação
e levantamos âncora
rumo à lâmina da madrugada.
Os anjos da privação
excitados excrementam
na liça das possibilidades.

Ser e Destino

celebram o incesto

no leito das possibilidades.

Dolência de sangue e mel.

Treme o desejo ferido,

cetro decepado

entre coroas humilhadas.

Ser e Destino

dormem

na aurora da esperança

e despertam

no ocaso da plenitude.

O pássaro rubro do efêmero

agasalha nas asas a nudez

das filhas recém-paridas:

Privação e Penúria

abrem os olhos maliciosos

e sorriem sob os lençóis

sonâmbulas de amor.

*

A Vida só é perigosa

quando nos ajoelhamos.

*

Quanto mais te unes

aos outros homens,

tanto mais os deuses tremem.

O homem

~~que se nutriu de mandrágoras~~

e ordenhou as horas do destino
com suas bocas de esperança
não fica criando lodo
como pedra de câncer
mas prova da polpa da vida
e vive do sumo dela e ousa
comendo o tempo entre as tíbias.

*

Para adormecer a sombra
na paz dos mochos
que o coração seja alanceado
na terra do sol
e alumbrado de dor
para que o desejo
desperte com o canto do galo
e seja celebrado do gozo
que sobe dos limos da aurora.

*

um homem com fome não é um homem
um homem com fome não é
um homem com fome não
um homem com fome
um homem
um homem com fome
um homem com fome é
um homem com fome é um homem
um homem com fome é um homem que não é **HOMEM**.

SALMO DO OPERÁRIO

Falo, Senhor, das mãos suadas do operário
que alimentam aves de rapina
criadas nas estrumeiras patronais.
Falo, Senhor, das mãos engraxadas
semeando na ventania a nossa dor.
Falo, Senhor, das mãos calosas
que ainda cantam e sangram por suas unhas
fincadas no ombro insubmisso da liberdade.
Falo, Senhor, deste meu povo que geme e cisma
pelas bocas caladas do estômago
pelas máquinas desejantes do lucro.
Falo, Senhor, do operário como charque
espedaçado ao sol, presa dos abutres
nos varais das fábricas, nos arames farpados.
Falo, Senhor, do orgulho sublevado dos mansos
das baionetas ensarilhadas do ódio
que apunham a sombra precária dos sonhos
mas não ousam reconciliar o açoite com a mão.
Falo, Senhor, da mão reconciliada com o braço
a manar pássaros dos porões para a liberdade.
Do braço com a cabeça que governa o açoite
e enterra o bezerro imolado por nossas culpas
sob um berro de sangue tão morrido no coração.

Talvez, Senhor, uma esperança qualquer
mal-agourada de presságios
e estremunhando na aurora
desperte o anjo de seu pavor
a hora de seu torpor
a vida de seu tutor
e o operário, Senhor, de sonhos amalhados
cante pela vez primeira.

A FALA DO GUERREIRO

a Stockinger

1

Um clangor de bronzes
do orgulho à sedição
que nos há de convocar
e o destino no sangue
que nos há de imolar
acaso se dobram
acovardados na desesperança
sob os cascos do poder
velando o nosso desabandono?
Que sopro abdicou em nós
ventanias abortando
podres pássaros
apedrejadas donzelas
de madrugados levantes?
Urge reinventar
memórias cavas
defuntos ressurectos
répteis mágicos
nos pedregais
púbis de mel
ancas nuas
de raparigas lúbricas
ao cair da tarde
nas braguilhas da infância
e suas alimárias de espuma.

Outro sangue
outra solidão
tempo e carvão
queimando a vida
a mulher tecendo
mantilhas de dor
para vestir o anjo
de imprecações
gritadas em vão.
Agarro a esperança
que unge a vida
de perfume e estrume
planto o desejo
atiço o poema
que colhe o sonho
e caça o destino
de quem espera
a besta nas trevas
sem gula de ser.
Viveiro de pulsões
a ranger entredentes
viola de febre
calejando a corda
da hora morrida
o poeta aparta
no frio da faca
carne e alma
paixão no desejo
volúpia na razão.

Morada ungida
pela espada do ser
em mim fecunda
a seiva no desejo
sangue que ferve e canta
por tantas vozes caladas
que eu falo
o sentimento de todos
e todos sentem por mim
escudo da mesma forja
espinho da mesma rosa.
Então explode
o tempo presente
eviscerado
o tempo passado
e o revelado
é o tempo futuro
quando todavia é outrora
o sonhado
e reamanhecidos mergulhamos
em águas vindouras.
A liberdade convoca
ao banquete da vida
mas sob a mesa de iguarias
um cão fareja
uns restos de culpa
uma serpente chocalha
no ritmo do coração
batendo a hora venerável
de ironia e agonia
emboscada na esperança.

O carrilhão da infância
anuncia
o guerreiro-pródigo.

Eu recém-parido
a espada esbraseada
no umbigo do sol
ousou rebatizar-me
nos aquedutos
e que meu inventário
seja o amanhecer da Revolução
expiando a vida
tão cheia de olhos e rodas
antes que a noite caia
em gomos de sonho.

Sou Ulisses e outro
simulado de cicatrizes
singrando
futuros pressentidos
e conjuras
engolindo o grito
e o soco.

Libidos soltas no pasto
colho pomos proibidos
indício que sou o começo
de utopias alforriadas.

6

Açoiado pelo desejo
entre máquinas e girassóis
de engrenagens orgásticas
forjo o poema
irrompido da fome
a levantar a voz
no inferno
povoado das fábricas
a reescrever o Estatuto do Trabalho
a vida é um sonho tecnetrônico
o operário um réptil cibernético
o destino um cativo
com muitos senhores
a Verdade uma escada
ensangüentada
cujo último degrau
disfarça o cadafalso.

7

No meio do caminho
o poeta revela
a mentira embuçada
o amor zomba do Poder
o destino lanceia a verdade
o tempo já não arde
nos salários corroídos
e tangido pela vergonha
exorciza a vida
de suas mais-valias e atavios
nas cancelas do orgulho.

Preciso sempre açular-te
reamanhecida indignação
no desejo que forja
a rosa mineral
o carvão animal
o pássaro vegetal
aliviado de minhas âncoras
e trilhos e pontes levadiças
corrompo anjos e demos
sem rumo nem esperança
a ruminar a memória
no colóquio das culpas
e vai o poema se despindo
de suas vogais espúrias
leopardo e salamandra
navalha na labareda
trago na garganta.

Danças de propiciação
alhos e óleos e âmbar
sal e aço e algum ócio
estou pronto e nominado
de pé ante os deuses
olho no olho o sol-posto
desafiando a vida
montando na mula de Balaão
numa terra de poemas e sangue
alquimia de enxofre nos porões
entre canhões e malícia
a instigar o dentino
a tumultuar a razão
de vespas e quebrantos
e sob badaladas de sinos erécteis
as carnes se digladiam
as almas se abraçam enviesadas
e se encarnam uma dentro da outra
em mordeduras e perjúrios.

BREVIÁRIO DA INSOLÊNCIA
(1989)

Tornar-se humano é uma arte.

FOME

Noite, amanhece em mim, noite,
e faz do sonho um dia afoito.

Fome, debanda de mim, fome
e faz do homem um sonho louco.

no golpear dos punhais, até o cabo,
no calar da agonia, dai-me sede

o doer animal, a ferida aberta
que nos encilha no lombo da treva

pela boca, pelos olhos, pela terra
sempre vens, noite, e me queima a fome

sempre vens, fome, e me cega a noite
sem que eu te chame fera e coice

sombra mendiga de mim, fome
anjo maldito de mim, noite

sempre vens nos rastros do lucro
saindo do lixo de todas as coisas

das árvores, dos bichos, do vento
sempre vens, fome e sangue e noite

sem que eu te chame de mais-valia
por tudo, pelos famintos, pelos noctâmbulos

onde o logro é culpa só minha e sina
e máscara que me cala em qualquer ilha

não há mais tempo para me salvar nem
matar-me de faca e tiro eu ousaria.

Não há lugar para a casa, as palavras –
cheias estão as bilhas de medo, e da carniça
do amor os abutres comeram a alma,
pisotearam nos quintos o inferno

a alma que se ia plantar ao deus-dará
pela mão dos outros, pelo sonho dos outros

pela esperança dos outros engolimos
o desprezo até onde podemos suportar

pelos rios de sangue corre a aurora, e o medo
há de nos abrir os olhos sem ódio ao sol

a dor há de nos purgar quanto mais resistirmos
e tece o orgulho a manhã em cada dia de fome

e ousa, ousa quando a hora bater, mesmo antes,
por tudo, pela noite, pelo sangue, pela covardia:

que a raiva dos deuses caia sobre todos,
a Vida é ninguém, ninguém – não sabe calar!

sombra mendiga de mim, noite,
besta corcunda de crimes, fome,

anjo caído dos pélagos, noite
touro escarvando o estômago, fome

e venta a dor até a hora chegar,
morte-cachorra, morrer mais não podes

se não tu, fome, quem há de acordar
a aldeia, mudar o rumo das estrelas?

quando os olhos insones da fome
olharem nos teus olhos, de suas caras

rudes, quem, se não tu, haverá de dizer
que a vida transgredida ainda é possível

quando a hora chegar, e mesmo antes?
A Vida é alguém, alguém, e não sabe calar!

*

Na partição dos pães
no hábito pouco das palavras
na memória carnal das ausências

no hálito empestado dos fantasmas
que mal espera assento à mesa
que dor surda espia das soleiras
senão a fome, fome agourada fome?

No mesmo modo de andar e vestir
e jejuar reconheces a costumeira vizinha
de todas as horas, e já não te comoves!

*

De tudo hei de pedir conta
do rumos no sextante
do medo nos desvãos
do tédio no horizonte.

De tudo hei de pedir conta
do orgulho, das culpas
da cal viva do desejo
dos óleos ferventes do ódio
do exílio no vazio
do fogo, da água
dos loucos, dos defuntos.

De tudo hei de pedir conta
limei a esperança
o sonho, os punhos.
Só das minhas palavras
não dou conta.

*

A verdade não deixa de ser verdade
~~quando muitos a negam,~~
nem o logro de ser logro
mesmo que todos os proclamem.

O roubo não deixa de ser roubo
quando muitos o praticam,
nem o erro de ser erro
ainda que todos se enganem.

A violência não deixa de ser violência
quando muitos a sofrem,
nem a fome de ser fome
porque alguns se fartam.

Sem o homem

hiena de outro homem
não há homem.

Sem o tempo
bebendo nas bodegas
não há homem.

Sem a fome
roendo os calcanhares
não há homem.

Sem a culpa
ruminando as entranhas
não há homem.

Sem a paixão
gotejando dores
não há homem.

Sem o orgulho
escarnecendo da ferida
não há homem.

Sem o sangue
esguichando dos vergões
não há homem.

Sem o lucro
espostejando
não há homem.

Sem o homem
hiena de outro homem
haverá homem?

Ninguém é mais ameaça
do que o homem,
porque ergue na liberdade
a espada com que se fere.

Ninguém destrói mais o homem
do que ele mesmo
porque canta em pleno amor
o ódio com que se envenena.

Ninguém é mais inimigo ao homem
do que ele mesmo.
Forja na sua paz
a arma com que se mata.

Ninguém condena mais
do que o próprio homem.
A trama de sua justiça
é corda com que se enforca.

*

Da disciplina do sangue
herdei a palavra
as desavenças
da disciplina da alma
habitei o deserto
as ventanias
da disciplina da insolência
sobressaltei os outros
o desprezo
da disciplina da humilhação
aprendi a desconformidade
as estranhezas
da disciplina dos loucos
contive o urro
os desejos

da disciplina dos touros
escarvei o chão
a desmedida.

*

Os que padecem
bebem o asco
como o deserto
bebe os ventos
caminham calados
cães e homens
sitiando a cidade
para os que sofrem
fabrico um poema
grosseiro
como uma pedrada.

*

Solto
nos pássaros irados
da linguagem
toda a insolência
de que sou feito.

*

De sol a sol me entregarei,
a fé inteira
na colheita das paixões
que se enterram nas palavras.

*

Se achas, alma minha,
que a fome dói
é a revolução que não tarda:
suas bocas de aurora
se forjam nas bigornas
a martelar
os sinos premonitórios.

*

Para que a fome
não cobice os frutos
urge que teu vizinho
não acumule os frutos.

*

Os que padecem juntos
tornam-se irmãos: bois
que levam o mesmo jugo.

*

Mesmo tapando a consciência
diante da miséria
minha alma ainda se ruboriza.

*

Não há gozo maior
do que outro homem que sofre,
nem mais deseja o orgulho
que embriagar-se em dor alheia.

*

Guarda no poema a palavra,
ela é teu punho contra os insultos.
Não permitas que te calem.
De dia a fome não te queimará
as entranhas,
nem a humilhação, à noite.

O que está dentro de ti,
como pode sair pela boca?

*

Atiçaste o pavio da esperança?
O bem e o mal que dela advêm
têm um cheiro de libido orvalhada.

*

Nessa estranha sina de amar
hei de colher do sol os frutos proibidos
o orgulho sublevado, pão e alguma dor.

*

Saber que a revolução de amor se sustenta
como a semente na terra se entranha.

Saber que a madrugada do levante
amanhece debaixo das varas do sol.

Saber que na luta o sonho range os dentes
e pula o grito nas pupilas do infante.

Saber que cada passo antecipa a paixão
subindo pela garganta, sangue fumegante.

*

As mãos que apontam o fuzil,
colhem rosas em abril.
A esquerda louva, a direita açoita.
Se decepar a mão que me fere,
a sua ferida aliviará a minha?
Se uma ceifa, outra semeia,
por que a mão, que colhe rosas
em abril, não municia o fuzil
com pólen de chumbo em grão?

*

Pois se o poema
com uma palavra beija
com outra esbofeteia
com uma estocada fere

com outra amanhece,
às vezes mata,
às vezes salva
com a direita esfola
com a esquerda consola
por que não há de ser
o poema capa-e-espada?

*

Vai-te embora angústia, tormento
dor propiciatória de culpas ao vento
inda não sou morto, só a vida importa
a vida convulsiva que grita, implora
e dança um tango antes do coito
deixa-a acordar, vil animal de amor
queimando no orgulho um sonho afoito
vai-te embora, privação, pavor danado
deixa a vida dar sangue aos humilhados!

*

Como vencer
a prudência da serpente,
carneiro desgarrado
entre hienas?

*

Como há de encher o celeiro
de grãos para o inverno
quem se escondeu dentro dele
vazio de orgulho sobranceiro?

Como há de encher a cisterna
de água clara para o verão
quem se afogou dentro dela?

*

A injustiça de agora
me compensa da fome de ontem
e antecipa a dor vindoura.
Só o orgulho me ampara
(e o soco).
Não peço me tires o padecer,
senão que me enchas de ânimo
para o esmurrar.

*

Sou tua noite de sal
a causa, o perdimento
o sopro, o poema
o anjo sem medo
a palavra, o tormento
a sombra sem pejo
o bicho insepulto
tua consciência doendo.

*

Dando de comer ao faminto,
tu o humilhas.
Se atixares o seu orgulho,
tu o alimentas.
Consolando o enfermo,
tu o matas.
Se fundires sangue à sua alma,
tu o salvas.

*

O poema, lavando a palavra nua
de suas vergonhas e outras mágoas
sarcasmos, fomes e outros ópios
purga o sangue, purga o medo,
aguça a espada nos vergões dos ossos.
O poema jura por ti nos ordálios
do fogo, nos sacrifícios da água.
Sustento, ser, nome e advento
no poema está a tua aurora
e ainda respira, embriaguez sem culpa.

*

Ah, que ferida funda
faz esta vida

quanto sangue
ainda verterá?
A paixões me fogem
como potras
até as palavras
se amotinam contra mim!

Sentir que tudo nos foge
sem haver o que nunca guardamos
e perder o que jamais possuímos
logo fugirá o desejo
morrerá o amor
depois soltaremos um gemido
e só restará o abismo de Deus.

*

Com quem se há de falar
de basiliscos, hipogrifos
valquirias, minotauros
se as metáforas ferem
as palavras apunham
os amigos se matam
e, depois, cansado, deitar-se
menino e ser eterno?

LIVRO DE PRECEITOS
(1993)

1

Deixa voar o coração
todo em armas
os medos idos no poente.
Põe ferrolhos na memória
e voa mais leve que a dor
voa até onde se pode chegar,
e pensa que nada dura
nada é por acaso.
Tudo se aclara
nos extremos da dor.

3

Alegra-te
com a vida não passada em vão.
Apalpa tuas cicatrizes.

7

Povoa-te de coisas efêmeras,
se não és capaz de eternizar-te.

10

Enleia-te
na humildade das coisas,
como limo se enxerta nas pedras

9

Não queiras,
sempre que amanhece
até sumir-se o sol,
arrancar o melhor de ti
do suor dos outros.

12

Antes que nos cavem a sepultura,
desenterremos a ressurreição.

15

As bocas da eternidade
se nutrem de coisas efêmeras.

16

Arranca de ti, erva daninha,
os selos do irreconciliável.

17

De questionar a dor
escutei seus queixumes,
pois sou causa dela.

19

O tambor
que ouves lá dentro do sonho
é a infância que não se acaba em ti.

20

De que adianta pôr ordem à Vida,
se fomos feito para transgredi-la?

21

Quando tudo se torna insuportável,
só a desobediência liberta.

22

Saqueia os vinhedos da alma,
e embriaga-te!

23

Antes que apodreça,
questiona o morto dentro de ti
pelos poderes que recebeu
e não gozou.

25

A alma das coisas
há-de entrar-te pelos poros,
correr nas veias,
alar-se mais alto.
Construir casa e fortuna.

27

Caído em tentação,
chamarás a dor pelo nome,
conhecerás a fome
pelo faro dos cães.

33

Não as enterres,
nem insultes as paixões.
Senão elas, os motores da alma
quem há-de carregar as horas?

37

Para onde pendem as paixões,
o que pedem, de quem se vingam?
Nem saciadas elas se acalmam.

40

O tempo conspira
contra os que testemunham calados
e não revidam.

44

Se Deus
te concedeu mais do que merecias,
por que te deserdaste?

55

Que importa aonde aportar,
se hás de perecer
na primeira tempestade?
Navegante, navega
por navegar.

56

O mal se legitima
na palavra da Lei
quando os que padecem
não se revoltam.

57

Que importa contar os anos
como árvores abatidas,
se não comemos antes os frutos?

63

Não cales a dor,
sê justo com ela,
A dor aponta caminhos.

72

Os deuses amam
os que são feitos de barro
que não se deixa amassar.

85

Vendemos por migalha
o tempo de que somos feitos,
e compramos sonhos alheios.

94

Com um punhado de dor
colhe o alento,
engole a chama,
antes que tudo se acabe.

99

Não há prudência
que não se perturbe
quando soam os guizos
da cascavel.

103

Dos punhos erguidos
da palavra sobre o futuro
se enraíza a resistência.

104

Poderás compensar
a indiferença do mundo
se aprenderes a amar
o que te sobrevive.

106

Serás julgado pelas horas
que esperaram impacientes por ti,
e não foram gozadas.

113

Condena-te
sempre a voar mais alto,
mesmo com uma asa partida.

116

Se adormeceres com os relâmpagos,
mais luminoso acordará o teu espírito.

117

Se a paixão que te move
tudo concedesse,
perderias a confiança nela
e por tédio, mudarias de alma.

120

Diante do medo,
pássaro calado,
o que podes aprender,
senão outros medos?

123

O que não colheres com suor,
não te pertence.

125

Não há arte inocente,
ou liberdade sem crime
nem religião sem culpa.

129

A inocência ensina as artes
mais pervertidas da sedução.

137

Se não podes ressuscitar os mortos,
ressuscita a ti próprio.

138

Se tens a Vida na palma das mãos,
não a deixes apartar-se.

140

Agora sabes,
como os revolucionários e os loucos,
que estar vivo é desumilhar-se.

142

Não haverá outro Destino
senão cavar e cavar
nas areias movediças
da Esperança?

144

De agora em diante
tangerás a dor
como o animal ferido,
a ocultar dos abutres
as futuras carniças.

145

Depois de rastejar
ergue o vôo, e voa alto,
o mais alto que podes voar
até que asas nasçam de ti.

148

Todas as coisas
esperam
ser persuadidas.

150

Ninguém fala por ti.
Só a tua palavra é resistência.

153

Se não enterraes os teus mortos,
o que podes criar de novo?

156

Em vão esperam as palavras no morto.
E porque ninguém nunca as ouviu,
agora exalam um odor de culpas podres.

158

Para não humilhar a obra
que tens aqui na terra,
não mostres tanta paixão
por tua morte.

161

Não apreender o inapreensível
é consumir-se em vão,
ensaiar o morrer prometido
às portas do paraíso.

165

Mudar tu podes,
mas não calar ou fugir.
Rompe a casca e voa
o mais alto que podes voar.
É por mais Vida que se morre
na dança das Estações.

168

Deixa que te culpem.
Não faz mal que todos te mordam.
Só é preciso não perder a palavra.

173

Quando todos calam
e se fingem de mortos,
só a dor quebra o silêncio;
e não há solidão quando
se a interroga aos gritos.

174

As carnes postas aos abutres,
morrem as horas diante de ti
com indignidade.

181

Que importa carregares pedras,
se a alma voa e canta?

186

Só ao além de ti,
a fome eterna,
prestarás conta.

192

É na resistência
que se ama
mais intensamente a vida.

226

Por mim,
não descerás ao inferno
para te humilhar,
nem subiras aos céus
para suportar-me.

228

A fome espera nas madrugadas
construir os dias e os sonhos,
mas ninguém responde,
nem o sol se põe à mesa.

230

O gosto que sentes na boca
é do sangue das palavras
mal-proferidas.

231

Os deuses bebem o sangue
dos indiferentes. E cantam
pela boca calada dos mortos.

232

De que vale martelar nas bigornas
o sentido das palavras,
se tudo o que forjas é a resignação?

244

Deus
te concedeu o sol e a palavra,
e um barril de pólvora
para não calares a boca.

251

O que é que arrastas
noite e dia, senão
a sombra com que pareces,
a hora em que pereces?

253

Enterra a culpa no esquecimento,
e tuas veias se fartarão
de sangue novo.

254

A cada manhã
saúda os deuses do Acaso
com cerimônias propiciatórias.
À noite, cria teus próprios
acazos. E outros deuses.

255

Se a vida queima sem arder,
e não busca a si mesma,
espera sempre nela, confia ainda:
é para provar-te que ela tarda.

259

A dor de alguns tudo suporta,
não conhece limites,
para que outros se regozijem.

260

Os que sofrem,
e não são ouvidos,
possuem a coragem
dos deuses.

265

Ludibriamos o desespero
quando lhe damos nome e voz,
e o intoxicamos de esperança.

273

Como reencontrar-te nas raízes,
se não há mais onde cavar?

276

Se para que nada te falte,
dou-me eu próprio,
então já não somos dois,
mas uma só dor
que outra dor alivia.

287

Há um só sentido na dor:
o de resistir
enquanto mudamos de dor.

289

Ainda que expulses a verdade
na longa noite dos punhais,
ela sempre há-de voltar,
filha-pródiga.

297

Semear-se no cio dos ventos,
colher os augúrios da terra,
lavar-se ao sol do coração.

312

Quem sabe viver,
nas calmarias colhe tempestade.
E se há-de escapar,
seja para outra maior
– até aportar.

317

Os deuses passeiam na alma.
Se não se manifestam
é porque sonhamos só para dentro.
Não aprendemos a acordar.

318

Escuros são os caminhos da poesia:
no tear das palavras quer parir a vida
que um dia seria se engano não fosse
ou tecê-la fio a fio na goiva dos sentidos
que pedra seria se paina não fosse
mais que fantasia, anjo-funâmbulo,
desejo que não se acaba
a sonhar sonhos de areia.

319

Alquimista, só hei-de falar
do desejo irrevelado das coisas.
Do que sei, cal inútil, eu calo.

321

Caído das trevas, foste criado
para servir e honrar as palavras,
nutri-las nos serpentários
e largá-las ao mundo,
semoventes sinais de interrogação.

325

Pela desmedida
partilhamos a desobediência com os deuses.
Pela razão erigimos grão a grão
as pedras da conformidade.

330

Os deuses
mordem a alma dos humilhados,
põem-lhes febre no coração,
para que se rebelem.

346

A dor que não se comunica
é dor mais que dor,
e dói mais que tudo.
Anda sem nome,
anda sem rosto
e se engole como fogo.

357

A humilhação sabe-se,
a desobediência aprende-se
– e nos move!

364

Não se pode esconder
o sol dentro da alma,
nem a palavra, calada.

407

Entre sonho e o desejo,
perdulários do tempo,
preparamos os jogo da morte.

432

Entre o homem que colhe
e o que semeia
há um homem que sonha.

410

Nem começaste a nascer,
e já queres entrar
na eternidade das raízes?
Se queres viver,
não morra mais.

412

Se a dor é um mal,
Quem há-de libertar
os que sofrem,
senão outra dor
mais insuportável?

422

Não sabemos o que fazem os mortos,
senão, por certo, que já não sofrem
mal ou dor – porque então sofremos nós,
nos cobrimos com sua sombra?

423

Nenhum ladrão de tempo e dor
há de bulir-nos impune os lutos,
as feridas da alma, nem turbar
no silencio da madrugada
nossos colóquios mais íntimos
com Madame Lamort.

427

Não esperes, a roer as unhas do tempo:
omitir-se de algum bem é engolir o Mal.
o mesmo que desfazer é não fazer.
Se até os anjos desobedecem, não finjas
que não sabes, propinando a alma.

431

O Destino
se ateia como chama
no interior da hora compartilhada.
De tudo é capaz o homem,
se for um sonho só:
um sonho solidário.

432

O fogo que existe em ti,
à cinza há de tornar.
Mesmo que te enraízes no futuro,
o presente que vibra de ti,
ao passado há de regressar.
Ainda que te entranhes no escuro,
a palavra que existe em ti,
outra palavra há de calar.
Mesmo que te enterres no sonho,
a dor que geme de ti,
outra dor há de acordar.
Ainda que te semeies ao vento,
a hora que colhes de ti,
o tempo há de velar.

433

Sangue e dor acasalados
dançam sob a música dos punhais,
brincam de morrer, e cada manhã
lavra-se a dor que na dor se habitua:
do que floresce, colhemos a faca dos sacrifícios.

434

Como pode um homem gritar, se o deus dorme
e dorme o mundo, e tudo dorme em tudo?
Quem há de acordar primeiro,
arrombar a boca dos que calam,
e se consolam na dor?
Se assolar, Deus pode; revidar, pode o homem.

POEMAS INÉDITOS

BOM DEUS

Bom Deus,
Seguro e alegre, largo e forte
venho a Ti: levanta-me para o Mundo,
colhe a Verdade da boca dos mortos,
plantando-a, viva e cheia de graça
em mim, para que por Ti eu aprenda
e sofra a dor amadurecida dos humilhados,
semeie a Verdade na terra dos homens.
Dela hão de germinar as armas, os valores
justiçados, ferir de esperança a solidão,
a iluminar-se. Depois, hei de embarcar
no sonho dos que padecem, e partir,
navegar em águas délficas: eis a minha luta!

OS DIAS SELADOS

Selados os dias, a promessa de outros exílios:
os olhos não se fartam de ver,
sem enxergar; nem a boca de falar,
sem nada dizer; a vida não se farta
de sonhar para dentro, os avessos;
nem o sonho de viver para fora,
os espelhos. De repente surpreendemos
a alma abandonando a terra – a carne
que podia ter sido – se o sonho fosse outro,
ou, pelo oco de sua sombra, o enchesse
de sentido, o animasse ainda de sangues
ébrios, a promessa de outras ressurreições.

Mas o sonho não tem fim. Nem a solidão.
E terra e sangue e vida nunca se fartam.
Só a alma nos reconhece, e espera, espera,
janela aberta ao infinito, e celebra
as núpcias da palavra e do espírito.
Selados os dias, a promessa de outros exílios.

CONTEMPLAÇÃO

Contemplar
nos olhos acesos do poeta
é contemplar
a verdade
ainda sem rosto
que espia dos espelhos
como um fruto espera o sol.

Contemplar
nos olhos esgazeados dos mendigos
é contemplar
o rumor da solidão a florando
que espia dos limbos,
como a chaga espera o alívio.

Contemplar
nos olhos estrelados dos loucos
é contemplar
o orgulho do fogo, ainda vivo
que espia dos deuses,
como a rosa espera as ventanias.

Contemplar
nos olhos engalanados dos bêbados
é contemplar
o medo do pássaro baleado
que espia das nuvens,
como um sonho espera a queda.

Contemplar
nos olhos feridos dos humilhados
é contemplar
a dor contida de um desejo súplice
que espia dos açoites,
como a fera espera o bote.

SALMO DO DESAFIO

Senhor, não vos peço outra coisa senão
entalhar-me com o cinzel do meu Destino
ou salgai para sempre a minha boca.

Senhor, não vos peço outra coisa senão
lanhar-me fundo no crepúsculo das últimas batalhas
ou expulsai-me sem rumo para outros exílios.

Senhor, não vos peço outra coisa senão
com as fêmeas estirar-me ao sol, junto às cobras
ou entocai-me, a alma pejada de culpas abortadas.

Senhor, não vos peço outra coisa senão
tantas vezes morrer-me de tão caudaloso amor
ou agrilhoai-me nos calabouços, escarvando no vazio.

Senhor, não vos peço outra coisa senão
de muito andar, das trevas amanhecer, o sol no peito
ou acovardai-me no doce ócio entre o sonho e o nada.

Senhor, não vos peço outra coisa senão
de minhas costelas renascer, animado pela Palavra
ou esmagai-me ao pé do fogo, verme de pestilentas babas.

OS CAPITALIZA-DORES

Os restos
do que os alimenta e sacia
e estas mãos fabricam
é o que falta à tua fome.
Servem-nos os dejetos
e nos contentamos.

As sobras
do que os abriga e aquece
e estas mãos tecem
é o que falta ao teu frio.
Servem-nos as preces
e nos ajoelhamos.

Os brios
do que os anima e move
e estas mãos sustentam
é o que falta à tua paixão.
Servem-nos as cinzas
e nos resignamos.

Os assomos
do que os alegra e abrasa
e estas mãos calam
é o que falta à tua palavra.
Servem-nos os ossos
e nos regalamos.

Os lucros
do que herdamos no ócio e na lei
e estas mãos sangram
é o que falta ao teu suor.
Servem-nos a dor
e nos fartamos.

AGONIA

Se a vida está posta para ti, e tu
posto diante dela, ergue a taça
o sangue da Palavra – e dança e canta
a transbordar o que de ti salta e grita.
Depois, solene, veemente, acorda a alma,
abre as cortinas do dia – deixa entrar o sol,
arder na alegria o fogo do desejo – em agonia.

DOR TECELÃ

Quando os corvos roçarem à janela,
e os mortos-vivos espiarem deste lado

e daquele, nas sombras, quem há de expulsá-los,
o rabo entre as pernas, uivando nos cascos?

Quem há de mandar mais que tu, suportar mais
que tudo, os ossos remoídos, na casa da alma?

Nela fabricas as palavras e os dias, os liames,
facas de rasto, pavios em rama, as dores tecelãs.

Despontando a aurora, o sonho se apresta, surge,
a felicidade varre a sala, o amor abre as portas,

prepara os avios de fogo, o cão das armas, as ganas,
os ventos. E que todos se avenham na casa da alma.

DESABAFO

Desabafa com Deus no poema
pisando forte, como se palavra Ele não fosse,
mas contenda, entre a espada e seu futuro.

Desabafa com Deus no poema
escarnecendo da morte, como se dor Ele não fosse,
mas destino, entre a vida e seu fervor.

Desabafa com Deus no poema
guardando silêncio, como se entrega Ele não fosse,
mas conjura, entre o homem e sua missão.

*

A palavra escrita na pedra
funda a casa do homem,
e permanece.

A palavra escrita na utopia
constrói castelos de areia,
e desamanhece.

*

O que é relumbra ao sol,
e transparece.

O que parece muda sempre de sombra,
e se acoita.

TORNAR-SE GRANDE

Anda o homem
de levante a poente
o sol medido
adubando o sonho
com a cal dos dias.

Anda o homem
sob a noite apunhalada
a contar os abandonos
assolando o corpo
cansado de sua fome.

E não há deus que o sustente
nos brios, na dor, no fogo
liberte de sua boca a palavra
a luz amadurando na sombra
de golpes revingados na espada.

Onde anda o homem
com seu quinhão de penúria?
Que outra coisa fazer senão
estirar-se ao sol, réptil mutilado,
e de suas gosmas tornar-se grande?

Que outra coisa fazer senão
sob tambores engolir a dor, levantar-se
e, dardo de luz, ferir o mal-de-raiz,
purgar a palavra num rio de lágrimas,
de suas sombras voar o bicho-homem da liberdade,

repartir confiante a Vida que se conquista?
O desejo possuído nos porões do sonho
se enrijece nos músculos, soa trombetas
finca bandeiras, acorda na Casa da Alma
o Anjo mais ousado, o povo em marcha a semear

os braços, armas, o sangue compartilhado
as heranças, os sucedâneos bem abolidos
a terra redividida com mil olhos acesos
na porfia, e sempre, por onde anda o homem
deixa semente, a semente que um dia há de
tornar-se grande.

PADECIMENTO

Se padereces, alegra-te, não tenhas medo:
da janela dos cárceres, no mofo dos dias
entre noite e dor e vento, na leiva dos sonhos –
ali, quando o amor se aproxima do vão da febre,
no jugo da pedra, não serás só tu, se padeceres –
somos muito mais que nós, e solidários no haver
germinamos todos na grande labareda da Vida
agora e na hora das cinzas de nossa Liberdade.

Se padeceres, alegra-te, não tenhas medo.
Das bestas em tropel às aves do Paraíso
as cicatrizes não esquecem do lixo-homem
nem dos loucos onde a memória ferida supura em flor,
e se o sangue não afogar a dor, ainda podes gritar,
e só a palavra grita por nós, planta raízes
agora e na hora do levante de nossa Verdade.

Se padeceres, alegra-te, não tenhas medo
porque verás o futuro nas areias do tempo:
ainda não percebes que o amor aponta caminhos,
as portas se abrem de par em par, a Vida
é bela, bela, e o gozo há de calar o pranto?
Padecer mais não podes nos umbrais do Paraíso
agora e na hora de nossas cotidianas mortes.

ESTAÇÃO D'ALÉM-DOR

Ao vires o aproximar-se da Morte
e diante de ti os anos perdulários
os amores desavindos, o desejo ferido
não pensarás duas vezes antes de agir:
mira essa manhã ainda reversiva do tédio
e na agonia desfere a mais certa seta –
súbito o teu corpo acordará dentro de outra alma,
a que sempre espera na Estação d'Além-Dor, e vem,
bulindo o vento, purgar-te do Mal de ti-mesmo.

A palavra talhada pelo Desejo, aplica-te
a disciplinar essas incontáveis mortes
de todas as horas – e colhe, navegando,
pelejando, nos ritos da alegria os alentos,
a flor de sangue, o avesso dos espelhos,
a Vida flagrada no cio, o irreprimível dos sonhos,
a ousadia, o vôo no manancial dos ventos.

PROVIMENTO

Para teu sustento farás provimento,
não de dinheiros, mas da clara palavra,
água de fonte para tua sede – e vogal,
não de ventos, mas do sonho que vem te buscar.

Para teu sustento farás provimento,
não de perdas, mas do tempo reconciliado,
tanger de sinos em tua hora – e consoante,
não de lutos, mas do sol que vem te animar.

HOMEM INTEIRO

Fechar os olhos ao corpo
é acender os candeeiros da alma.
Sonho despido de argila
a alma apenas respira
é anjo feito de éter.

Atreve-te, e sê inteiro
entra no sangue dos humilhados
em suas veias semeia o futuro
colhe a flor humana que se abre de ti –
do perfume a vazar embriaga-te
e tão confiadamente, que acharás
graça dos espinhos que te ferem.

Atreve-te, e sê inteiro
com a palavra, com o silêncio
engastado no tempo
altaneiro aos ventos
pára-raio nas tormentas.

Atrevido e inteiro
não saberás mover-te partido
grão a grão, dia de fome
outro de sonho
e na porção do tédio
mais se perde o desejo
a gotejar o que não dura
nem permanece.

Na garganta das ampulhetas
a embriaguez da esperança
a pernoitar na alma
e o tempo a mastigar-te
carne na lava, até o osso
e do fogo animado dos foles
um sopro de liberdade
que se encasula e espera
crisalidando ao sol.

DAS CINZAS

O tempo presente se enterra por nossas mãos
de sonhos apumados no tempo futuro
e cavamos nas entranhas o tempo passado.
Dos musgos de seu câncer floresce esta árvore
de podres frutos: dela se alimentam os pássaros
do Apocalipse. Os desejos saciados defecam
os germes de outras mortes. No morrer para
a História, e das cinzas, a eterna iniciação.

DAS CONTRADIÇÕES

A alma encolhe-se medrosa
nos porões de si mesma
ao calar-se o espírito
na renúncia do corpo.
Mas o repouso é sempre efêmero
e das contradições do sonho
ela se reanima, a alma, e mais viva
na argila se encarna, respira e fala.

SE

Se não tens parte
nem arte nesta vida,
o bem que podes fazer
contém o mal
de que haverás de fugir.

Se não tens paixão
nem relampejam os teus olhos,
o vento em que podes navegar
contém a tormenta
em que haverás de naufragar.

Se não tens pássaros
na geografia dos sonhos,
a casa que podes fundar
contém o túmulo
em que haverás de adormecer.

Se não tens dinheiros
nem juro do suor alheio,
a dor que podes testemunhar
contém a palavra
que haverás de plantar.

A GRAÇA

A Graça é que funda o coração humano,
e o germina de frutos pressentidos, e prospera,
mais que o pranto, sobre a pedra, o bom desejo.

A Graça é a centelha sem o fogo, e de sonho afoito
abre asas do chão como pétalas ao sol, e no vôo derrama
sobre nós o leite ancestral, a plenitude, a primeira revelação.

A Graça é que concerta o desconcerto do homem,
e não há fazer sem padecer. A paixão é fêmea e macho,
o mesmo sangue de contrários: luta das coisas
com outras coisas.

A Graça é a permanência que sempre espera mais além
do tempo, ou antes, ao fim de nossa fuga, o novo início.
Não veio do ontem, não vai para o amanhã:
é eterna sendo agora.

A Graça é uma casa aberta onde não se contam as horas,
e o tempo é memória do futuro. Se não houve a Queda,
não haverá o Juízo Final, e nada foi expulso do Paraíso,
nem a dor.

Das mesmas águas da Graça bebem a águia e o cordeiro,
o anjo e o demônio, o homem e a razão.
Nelas chegam cansados,
e partem com suas botinas profanas e sandálias sagradas.

OUSAM OS DEMÔNIOS

Sobre anjos e homens ousam
os demônios. Como de um morto
saqueiam, de seu silêncio, a palavra.

Andam no meio de suas chagas como
de um jardim, excrementam os juro
de sua ganância, apunhalam suas flores.

Erupção de nojo, envergonham o desejo.
No sopro dos foles, os demônios atizam os cães
da humilhação sobre os que mais padecem.

Sopro de ira, não de sonhos, os senhores
da fome e do lucro, da carne e dos grãos
pesam injustas balanças, e do valor das coisas
gotejam os podres sumos, as grandes arrogâncias.

QUANDO

Quando um sonho voa e ama
e na sua leveza não há sombra,
que sonho é esse que se abandona?

Quando um anjo sucumbe
e no seu pranto não há culpa,
que anjo é esse que se pune?

Quando um homem desespera
e na sua fome não há crime,
que homem é esse que ainda espera?

Quando um louco cava um poço
e na sua busca não há dor,
que louco é esse que busca um rosto?

Quando um desejo morre contrafeito
e na sua agonia não há jugo,
que desejo é esse que tece outro mais aceso?

- I. Para arrancar pela raiz um vício empedernido, ou tão mais renitente, é preciso afundar um barco carregado com cadáveres de adjetivos.
- II. Para plantar um desejo de frutos instantâneos, é preciso, dos cabelos da mulher amada, descer por suas tranças da nascente à foz, e vermelhar de prazer nos baques n'água, como um peixe-voador.
- III. Para ferir de vida o dia que se orvalha nos albores, é preciso que o primeiro galo da madrugada cante um adágio de Vivaldi, animado por um coro de anjos-proletários, e que todos dancem em allegro assai a manhã de água, terra, ar e fogo.
- IV. Para cismar a esmo, de sonhos avoantes, num pé-de-vento, é preciso esvaziar a alma de tudo e perder-se das palavras, que de memória e flecha e cinza os dias não sabem, e os loucos, porque sabem agora tudo o que se há de saber amanhã, teimam em não regressar.
- V. Para amadurecer nos brios, frondoso de frutos sumarentos, é preciso ser presa impaciente do desejo. Depois de lambuzar-se nele, fermentar no sangue e na argila outro mais selvagem, e deixá-lo voar.

ANDAR COM AS PALAVRAS

Andar com as palavras
é romper o ventre das horas:
em gotas de sangue dar-se à luz
ganhando caminho, para fora,
abrir o espaço, afrontando a solidão.

Andar com as palavras
é regressar à pátria de geografias futuras:
da árvore da alegria comer os frutos,
abrir suas peles de sonho, lambuzar-se nos sumos,
caminhar confiante rumo à aldeia dos homens.

Andar com as palavras
é cantar em si a mais alta febre do desejo
e cair e levantar sobre serpentes e culpas,
sempre para diante, sem trégua, com ufanía,
e mesmo rastejar até que asas brotem dessa dor.